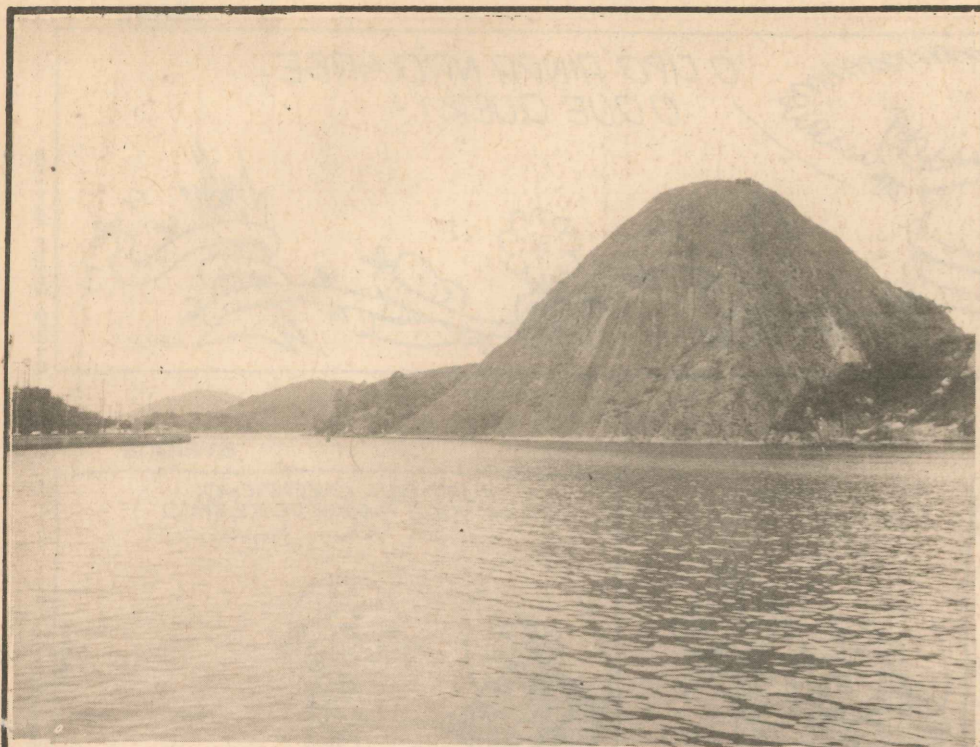


MANGUES



Na entrada da baía de Vitória, menos 13 metros de profundidade

Texto de Luiz Trevisan
Fotos de Murilo Rocha



Manguezais em extinção, junto com os peixes costeiros

No litoral capixaba, o "pulmão" do mar sob aterros e esgotos

Muito antes do surto industrial, a ilha de Vitória era cercada por águas piscosas e mangues em todos os lados. A súbita expansão demográfica, contudo, foi inserindo bruscas modificações na paisagem ocasionadas pelos sucessivos aterros perpetrados sob argumentos imediatistas da obtenção de maior espaço. Assim, bairros de grande parte como Goiabeiras e a Ilha de Santa Maria surgiram solidificados sobre extensas áreas antes tomadas pelos manguezais.

Ganhou-se o maior espaço físico alardeado. A curto prazo não há, aparentemente, maiores problemas. A médio e longo prazo, contudo, a situação e as conseqüências são bem mais alarmantes, conforme enfatizam o engenheiro Jaime Larica e o armador José Felipe dos Santos, este último um dos mais importantes empresários do Estado e um



"O pulmão do mar está sendo destruído na costa capixaba com os sucessivos aterros promovidos nas áreas de mangue", adverte o armador José Felipe dos Santos (Dio). "Além de desequilibrar o ecossistema marinho e estuarino, os aterros provocam mudanças das correntes marítimas ocasionando a erosão na faixa litoral e o assoreamento nos leitos de água", observa o engenheiro ambiental Jaime Larica. Assunto polêmico, com uma série de conseqüências paralelas e todas danosas ao meio-ambiente, a destruição dos mangais continua na ordem do dia em razão da sua constatação gradativa na área da Grande Vitória. Existem até os que inadvertidamente ou por outros interesses, defendem esse processo que se acentua



padas, notadamente em relação aos manguezais. Hoje, constatamos verdadeiros bairros sobre palafitas que, mais cedo ou mais tarde, acabarão sendo aterrados. Isso significa a continuidade da ação predatória ao meio ambiente".

Na natureza, o princípio da relatividade se acentua dentro de uma forma simples de constatação. Para Larica, já é visível e fartamente comprovado o mal decorrente de ações predatórias ao largo da faixa litorânea capixaba, onde suas críticas se concentram de modo mais acentuado sobre os esgotos. Mas existem crônicos obstáculos nesse item decorrentes de todo um processo viciado de administração, para o qual não mede palavras. Prefere defini-lo como resultante de "incompetência, não existe outro ter

Santos, este último um dos mais antigos pescadores do Estado e um dos mais ardorosos defensores dos mangues.

— “É um crime aterrar os mangues. Cada centímetro de mangue possui 70 por cento de microorganismos vegetais, 20 por cento de microorganismos animais e o restante de mineral. E a parte vizinha do aterro destrói pelo menos 20 por cento desses microorganismos, uma vez que é alterada a sua estrutura orgânica e física”, observa José Felipe.

O aspecto mais interessante neste processo, todavia, são as danosas conseqüências diretas verificadas sobre a fauna e a flora marítima abrigadas nos mangais, bem como o assoreamento que se verifica automaticamente nos leitos d'água existentes nas imediações. Com base nesse desencadeamento o armador faz uma séria advertência.

— Dentro de mais uns cinco anos o canal da baía de Vitória terá que ser dragado periodicamente pela Portobrás, acarretando desse modo uma despesa incalculável. Para que se tenha uma idéia do acomodamento de camadas de terras decorrentes dos aterros que se verifica no fundo deste canal, basta lembrar que há uns cinco anos atrás a entrada do canal, ao lado do Penedo, que é a parte mais funda, tinha 31 metros de profundidade e hoje só tem 18 metros.

E ele explica a causa desse assoreamento: “A água do mar sempre que bate num aterro procura uma descida para a parte mais profunda, no caso, do canal, levando consigo gradativamente material sólido que vai, com o tempo, ganhando textura no fundo do leito das águas. Somente ali na entrada da baía de Vitória já perdemos 13 metros de profundidade”.

As implicações desse processo são inúmeras, conforme salienta José Felipe dos Santos ao afirmar que “caso a destruição dos mangues não seja contornada a tempo, futuramente não teremos mais



José Felipe (Dio):
“É um crime aterrar os mangues”.

peixes, crustáceos e moluscos nessa faixa central do litoral capixaba”.

E justifica-se explicando que espécies tipo a sardinha — mais conhecida como **manjuba** — e os camarões gigantes desovam no mar e através dos ventos, em forma de larvas, chegam aos mangues onde têm um habitat natural para desenvolvimento. O ciclo se completa quando tais espécies voltam ao mar onde servem de alimento para os peixes costeiros. A extinção dessas espécies implica num automático afastamento dos peixes oceânicos que as utilizam como alimento.

— Pelas mais recentes medições da Sudep, os peixes do nosso litoral já apresentam uma sensível redução em tamanho e quantidade. É bom frisar que na Flórida, há uns 30 anos, houve um processo semelhante ao que está ocorrendo aqui. Tanto que em 1972, de acordo com um convênio da FAO, o Espírito Santo exportou 10 mil quilos de sementes de mangue bravo e 24 milhões de larvas de camarão para os Estados Unidos. Pouca gente sabe disso. Em contrapartida, obtivemos mudas do piñus elliot que estão plantadas na região serrana do Estado.

Ao mesmo tempo que prevê uma brusca redução dos peixes em nosso litoral, o armador aproveita para enfatizar também a “falta de tradição e incentivos para a pesca no Espírito Santo, onde não existe pesquisa e know-how. Em razão disso, o pescador, aqui, continua a ser visto como um marginal. Acredito mesmo que devido a essa situação, o pescador capixaba é um tipo de profissional também ameaçado de extinção. Chegamos a um ponto em que o pescador evita de todos os meios que seus filhos sigam a mesma carreira”.

defendem esse processo que se acentua com o crescimento urbano, chegando até a justificá-lo como uma “necessidade” para que seja ampliado o espaço físico habitável da região.



Em Santo Antônio, os aterros continuam

E acentua: “Para um Estado que possui sete por cento do litoral brasileiro, onde se concentra o verdadeiro filé mignon em termos de peixes da costa nacional — localizada entre o Norte espiritoossantense e o Sul da Bahia — esta previsão é exatamente drástica e desagradável. E para que se tenha uma visão do descaso para com o nosso litoral, periodicamente, os nossos pescadores encontram em nossas águas bóias chinesas, japonesas, coreanas, russas, etc. numa prova de que estrangeiros muito bem equipados pescam livremente em nosso litoral”.

ESGOTOS

Ao lado dos aterros que sufocam os mangais, existe uma gama de outros fatores correlatos que, aos poucos, vão contribuindo não só para a deteriorização das poucas áreas de mangue ainda existentes na periferia, como também de contaminação aos leitos dos rios e das águas marítimas, que banham a costa e as praias ca-

pixabas. Mas os esgotos são os principais poluidores. Domésticos ou industriais, eles trazem agentes nocivos à fauna, flora e ao próprio capixaba que se utiliza das praias centrais.

Nesse ponto, tanto José Felipe dos Santos como o engenheiro Jaime Larica defendem a necessidade da instalação de emissários submarinos para se evitar que os detergentes — a maioria não biodegradáveis — continuem a poluir os mangues e a costa marítima.

Nos últimos dias, por sinal, vêm sendo constatados junto à prefeitura de Vitória pedidos para aterros em mangues próximos a áreas já habitadas. Seja na Praia do Canto, ou em Santo Antônio, moradores reclamam do “mau cheiro e dos ratos que proliferam nesses locais”. Para Santo Antônio anunciam-se, inclusive, aterros por parte da prefeitura em vastos manguezais existentes nas imediações das Ilhas das Caieiras isso para maior deses- pero dos naturalistas nativos.



Jaime Larica:
“O perigo dos esgotos ao meio marinho”.

De qualquer forma, em muitos bairros onde casas ou palafitas avançam pelos mangues, os esgotos vão aos poucos tornando incompatível a convivência sadia. “Além do excesso de matéria fecal — que torna rarefeito o oxigênio na água — adicionam-se muitos outros tipos de dejetos que aos poucos desequilibram o ecossistema das águas estuarinas. Com o desequilíbrio, advém a morte da fauna e da flora dos mangais, e automaticamente, os que moram por perto sofrem com isso”, salienta Jaime Larica.

Dessa forma, esgotos e aterros simbolizam um binômio merecedor do repúdio não só dos ecólogos como também e principalmente das autoridades. Mas estas, ao que parece, continuam insensíveis ao problema que se enreda, conforme observa Larica ao citar como “prioridade fundamental para a ecologia e a saúde dos capixabas a construção imediata de emissários submarinos capazes de jogar em alto mar esses dejetos orgânicos e industriais normalmente lançados a poucos metros das praias”.

Ele acentua que a prefeitura de Vitória vai gastar uma verba vultosa na construção do aterro de Camburi e “que não é esta a melhor solução para o problema da erosão que ali se verifica. A saída mais prática? Ora, os estudos iniciais feitos para o aterro e que possibilitou o enrocamento da ponte de Tubarão, há 15 anos atrás, já previam que em função da alteração das correntes marítimas, dessa área, causadas justamente pelo aterro, iria haver a erosão que se constata”.

Em sua opinião seria “imprescindível que se fizesse um plano diretor do crescimento físico da Grande Vitória, justamente para delimitar as áreas a serem ocu-

definido como resultante de “incompetência, não existe outro termo”.

— Caso não haja uma tomada de posição imediata, não só observaremos a gradativa diminuição dos peixes na nossa costa, como ela se tornará totalmente contagiada por verdadeiros crimes que são cometidos impunemente. Em Vitória, ao lado dos esgotos, existe o sério problema dos dejetos industriais.

— A Nibrasco, que faz a pelotização do minério de ferro em Tubarão, continua a lançar seus despejos industriais a poucos metros das praias, isto sem qualquer tratamento prévio. Assim, é facilmente detectado por qualquer um que a água nas praias está ficando cada vez mais leitosa. E qual a causa? Justamente a cal lançada em grande quantidade pela Nibrasco.

No meio aquático, a cal se dilui ficando em suspensão, enquanto que o óxido de ferro vai para o fundo. Por ser um elemento altamente contagiante e pernicioso ao ser humano, a cal acaba provocando sérios problemas aos que se banham nas águas onde ele se concentra, além de esterilizar o meio ambiente.

Partindo dessa constatação, Larica acentua, a título de exemplo, o fato de muitas pessoas, no último verão, terem sofrido problemas nos olhos ao se banharem em Camburi, Ilha do Frade, Ilha do Boi e imediações. Lembra que muitas hipóteses foram levantadas para apontar a origem do problema, mas nenhuma delas se aproximou do verdadeiro motivo.

— A causa foi uma só: a existência de grande quantidade de cal nas águas. Todo mundo sabe que esse mineral é altamente tóxicos e com qualidades desinfetantes. A continuar sem qualquer tratamento esse problema, nos próximos verões certamente teremos banhistas com sérios problemas oculares. E é bom lembrar que dependendo da quantidade desse mineral no meio aquático, existe o enorme risco da cegueira completa para as vítimas.